

# De novo como outrora...

Acabamos de lêr, com sôfrega curiosidade e imenso deleite o volumoso livro de Plínio Salgado — Vida de Jesus.

Houve tempo, e não falta quem dêle se recorde ainda, em que a figura de Jesus era empurrada para o campo da lenda pelas «descobertas» sensacionais dos historiadores e pelo progresso «inaudito» da ciência. O doce Rabi da Galileia que dava vista aos cegos, ressuscitava mortos, escolhia os órfãos, conversava com os pecadores e morria numa cruz por ter ensinado os homens a amarem-se uns aos outros, era muito simpático, história linda, que o sonho poético inventara, para contar as crianças nos braços quentes e embaladores do carinho materno.

Mas a ciência já bate no peito por se ter enganado. A pessoa de Jesus, sobre a qual a História começa a lançar catadupas de luz, está despertando o interesse dos estudiosos e o entusiasmo das almas retas.

De novo, como outrora, Jesus vai encher as páginas da História. Por Ele ou contra Ele se vão estremar os campos e construir as cidades do futuro. E se cresce o numero daquêles que repelem o seu jugo, talvez aumento ainda mais a falange dos que, seduzidos pelo doce encanto da palavra divina, procuram reviver, na sua plenitude, a Vida que dos seus lábios brotou.

Jesus vai deixando de ser um tema de literatura, para voltar a ser um código de moral, um compêndio de sociologia, um tratado de economia, uma lição de poética, e, se o preferirmos, uma sedução divina que arrasta almas e corações.

Nero, o sanguinário imperador, pensou apagar para sempre da face do mundo o nome de Jesus. Todo aquêle que professasse ser cristão, seria banido do império. A sua embriagada imaginação inventara todos os suplicios. Deu «festas nocturnas nos jardins dos seus famosos palácios do Vaticano, em que os cristãos, untados de pês, devorados pelas chamas, lançavam sobre os exercícios do circo uma luz sinistra». Mas Jesus continuou a ser o grande redentor das almas generosas, o ardente revolucionário das consciências e o defensor apaixonado da dignidade suprema de todos os homens.

Meio século mais tarde, os cristãos enchiam o império e transformavam os costumes, não obstante o ódio mortal dos «divinos» imperadores. Aristides podia escrever, no segundo século da nossa era, ao imperador Antonino, soberbas páginas de Apologia do nome de Jesus e da vida heróica dos cristãos.

«Eles não cometem adultério, não levantam falsos testemunhos, não negam os depósitos que receberam, não ambicionam o que não lhes pertence, honram pai e mãe, fazem bem a todos, e quando são juizes, julgam com justiça. Aquêles que os ferem, socorrem-nos e transformam-nos em amigos; fazem bem aos seus inimigos; as suas filhas são puras e virgens e fogem da prostituição. Quando têm criados ou criadas, convencem-nos com o amor que lhes dedicam, a serem cristãos, e logo que o são, chamam-nos simplesmente irmãos. São doces, bons, pudicos, sinceros; amam-se entre si; não desprezam a viuva; salvam o órfão, e aquêle que tem dá sem dificuldade ao que não tem. Quando vêm estrangeiros, recolhem-nos alegremente, em suas casas, reconhecendo nêles irmãos, porque chamam irmãos não

âquêles que o são segundo a carne, mas aos que o são segundo a alma.

«Quando morre um pobre, se o sabem, contribuem segundo as suas posses para o funeral. E se tomam conhecimento de que alguém é perseguido pelo nome de Cristo, põem em comum os seus donativos, e enviam-lhe tudo quanto êle pode precisar. E, se há um escravo ou um pobre (a socorrer), jejuam dois ou três dias, e o alimento que tinham para si preparado, enviam-lho...»

Não admira que num século, como o nosso, em que os homens sentem perdido o próprio sentido da Vida, Jesus continue a seduzir. E que o cristianismo é menos uma doutrina do que um modo diferente de vida e uma grande esperança. Uma

sociedade, para ser cristã, não lhe basta que diga sô-lo. É necessário que a vida se aproxime dêste quadro admirável de simplicidade e beleza que nos legou Aristides, e tantos, depois dêle. Não admira, repetimos, que num mundo sem amor e sem piedade, o estudo de Jesus seja uma doce revelação e que o espectáculo duma vida cristã tão pródiga de affecto e dedicação entusiasme os corações generosos.

Plínio Salgado compreendeu. E a sua compreensão dotou-nos com um livro que não peccamos chamar-lhe sublime. A sua «Vida de Jesus», em que a arte mais pura se alia com simplicidade a uma fé encantadora, vai contribuir poderosamente para revelar Jesus. Já não dizemos aos descrentes, mas aos próprios cristãos. Quantos há, com effeito, que se orgulham dêste nome, e o deshonram com o seu viver! Que imensa distancia entre tantos cristãos modernos e as páginas escaldantes de Aristides, e as páginas luminosas de Plínio Salgado!

Quando, há pouco ainda, entregava a curiosidade de um operário rebelde, um pequeno resumo do ideal da vida cristã sob o ponto de vista social, apenas lhe pude recolher êste comentário: «se o cristianismo fôsse isto que acabo de lêr, eu seria o primeiro a ser cristão». Pequeno êste comentário, mas diz tudo, porque quer simplesmente dizer que, se os cristãos o soubessem ser, os homens sinceros seriam cristãos ou não seriam nada.

E é porque sentimos a sedução divina de Jesus, e na vida que nos ensinou encontramos a solução de todos os males sociais, políticos e económicos, que beijamos as mãos de Plínio Salgado por terem escrito do Mestre, páginas lindas, respeitadas, no entanto, todo o rigor histórico.

ABEL VARZIM